



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CEDUC - DLA

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA

APARECIDA RODRIGUES SOARES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO: UMA ANÁLISE DE
PROPOSTAS APRESENTADAS NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

APARECIDA RODRIGUES SOARES

**A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM FOCO: UMA ANÁLISE DE
PROPOSTAS APRESENTADAS NO LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA.**

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em atendimento às exigências necessárias para obtenção do título de graduada em Licenciatura Plena em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba.

Orientadora: Prof^aMs. Teresa Neuma Farias Campina

**CAMPINA GRANDE-PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676v Soares, Aparecida Rodrigues

A variação linguística em foco [manuscrito] : uma análise de propostas apresentadas no livro didático de língua portuguesa / Aparecida Rodrigues Soares. - 2014.
36 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Teresa Neuma Farias Campina,
Departamento de Letras".

1. Linguística 2. Livro Didático 3. Ensino de Língua
Portuguesa I. Título.

21. ed. CDD 410

APARECIDA RODRIGUES SOARES

A Variação Linguística em foco: uma análise de propostas apresentadas no livro didático de Língua Portuguesa.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Língua Portuguesa.

Aprovada em 04/07/2014

Teresa Neuma de F. Campina 8,0
Prof^a Ms. Teresa Neuma Farias Campina / UEPB
Orientadora

Roberta Soares Paiva 8,0
Prof^a Ms. Roberta Soares Paiva / UEPB
Examinadora

Linduarte Pereira Rodrigues 8,0
Prof^o Dr. Linduarte Pereira Rodrigues / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho,

À minha avó, Ana Salviano Soares, e a meu esposo Leandro Rodrigues da Silva, pelo amor, dedicação, ensinamentos, pelo apoio incondicional em todos os momentos da minha vida e por me fazer acreditar que tudo é possível, basta acreditar e buscar a realização desses sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me fortalecido, me dado coragem para seguir com meus estudos em meio a tanta dificuldade financeira e pessoal. Com a confiança que sempre depus no meu senhor Deus, senti o apoio necessário para realizar o sonho de chegar até aqui.

Agradeço também a minha avó Ana Salviano Soares, por ter cuidado de mim, me criado com sacrifício e como uma pessoa humilde que sempre foi, ter me ensinado que o mais importante na vida são os valores, morais, éticos, valorizar a vida, as pessoas, respeitando-as, me mostrando que com caráter e determinação alcançarei meus objetivos, algo que me marcou foi o que sempre dizia e diz “estude minha filha para ser alguém um dia” o que me inspirou a ser esse alguém que ela tanto almejou.

Agradeço ao meu esposo Leandro Rodrigues da Silva, pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência e tensão na elaboração deste trabalho, seu apoio foi fundamental para a minha realização pessoal. À minha sogra Cosma Rodrigues da Silva que sempre ficou com meus filhos para que eu pudesse estudar com tranquilidade. Aos meus amigos Hosiél Rosendo de França e a Robson de Oliveira que me apoiaram. Hosiél, emprestando-me livros que ajudaram bastante e Robson por fazer algumas leituras e discussões sobre o tema me ajudando a articular as ideias. As minhas colegas de trabalho que muitas vezes me substituíram e me deram força para que eu pudesse ter orientação.

E agradeço especialmente a minha orientadora, professora e mestre Teresa Neuma Campina, pela boa vontade, paciência, dedicação, pois sem ela não conseguiria, obrigada professora, por me incentivar a ir mais além (especialização, mestrado) quem sabe eu chego lá. Enfim, a todos que contribuíram de forma direta e indiretamente para a realização deste trabalho. Àqueles que acreditaram em mim, um muito obrigado.

*Entre o porque e o por quê há mais bobagem
gramatical do que sabedoria semântica.*

Millôr Fernandes

RESUMO

As linguagens se cruzam, completam-se, modificam-se continuamente, de acordo com a história do ser humano, acompanhando assim, suas transformações e suas formas de organização social ao longo dos tempos. Particularmente a linguagem verbal apresenta-se como importante instrumento de comunicação, pois é através dela que podemos observar as particularidades da fala que aponta para a comunidade linguística a que o indivíduo pertence. Nesse contexto, tomamos o Livro Didático de Português – LDP – como objeto de estudo. A luz da Sociolinguística objetivou-se; a) analisar a abordagem que o livro faz da variação linguística, considerando as variáveis regionais, a faixa etária, o sexo e o nível de escolaridade dos alunos/falantes; b) identificar qual a importância dada a esse aspecto linguístico no livro didático de português. Para tanto constituímos um *corpus* com um capítulo, mais precisamente, do 6º ano do livro “PORTUGUÊS LINGUAGENS (2009)”, dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, material esse divulgado pela editora Saraiva, ensino fundamental. Em síntese, o estudo apresentado aponta para formas diversas de se estudar a variação linguística no âmbito escolar. Na linha da Sociolinguística, enfatizamos os teóricos Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Bezerra (2001), Alkmim (2008), Marcuschi (2001), Travaglia (2009), Possenti (1994), que trabalham a variação linguística, levando em consideração os vários fatores sociais, que fazem com que a língua se transforme ao longo dos anos.

Palavras - chave: Variação linguística, Contexto escolar, Livro didático.

ABSTRACT

Languages intersect, complement, continually modify according to the history of human being, so watching their transformations and their forms of social organization over time. Particularly verbal language presents itself as an important communication tool, it is through her that we can observe the peculiarities of speech which points to the language to which the individual belongs community. In this context, we take the Textbook of Portuguese - LDP - as an object of study. Thus, in light of Sociolinguistics, we aimed: a) to analyze the approach that this book makes linguistic variation, considering the regional variables, age, sex and educational level of students/speakers; b) identify what is the importance given to this aspect in language textbook Portuguese. For both constitute a corpus with a chapter, more precisely, the 6th year of the book "PORTUGUESE LANGUAGES (2009)," the authors William Robert Cherry and TherezaCochar Magellan, this material released by publisher Saraiva book in the 6th grade of elementary school. In summary the article presented points to several ways of studying linguistic variation within school. In the line of Sociolinguistics emphasize the Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Bezerra (2001), Alkmim (2008), Marcusch (2001), Travaglia (1996), Possenti (1994) theoretical work that linguistic variation, leading into account the various social factors that cause the tongue to turn over the years.

Keywords:Linguistic variation,School context, Textbooks.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LIVRO DIDÁTICO: SUA HISTÓRIA, SUA RELEVÂNCIA EM SALA DE AULA .	12
3 E POR FALAR EM TEORIA ...O QUE SE PODE DIZER?	14
3.1 LÍNGUA E SOCIEDADE	14
3.2 SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA E AS VARIAÇÕES	15
4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS APRESENTADAS	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

As línguas naturais são caracterizadas por serem heterogêneas, o que significa que mudam conforme a história, o lugar, o aspecto socioeconômico, entre outros. Neste sentido, é possível falar de variação linguística numa perspectiva sociolinguística que estuda a língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

Toda língua falada apresenta sempre variações. Assim, língua e variação são inseparáveis e, dessa forma, a Sociolinguística, uma ciência oriunda da Linguística, vê a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Sob o viés da Sociolinguística, tomamos como objeto de pesquisa para o estudo em pauta, as propostas sugeridas pelo Livro Didático de Português-LDP, as quais evidenciam as variações linguísticas, da coleção PORTUGUÊS LINGUAGENS (2009), dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, material divulgado pela editora Saraiva, livros de 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Para desenvolvermos a pesquisa proposta, levantamos a seguinte questão: a forma como o Livro Didático de Língua Portuguesa-LDLP- aborda a questão da variação linguística contribui para a compreensão do aluno em relação à importância deste fato linguístico como uma realidade de qualquer língua natural? Com o intuito de responder a esse questionamento, lançamos os objetivos a seguir: a) analisar a abordagem que tais livros fazem da variação linguística, considerando as variáveis regionais, a faixa etária, o sexo e nível de escolaridade dos falantes/alunos; b) identificar qual a importância dada a esse aspecto linguístico no livro didático de português.

O livro didático aborda, de forma geral, o tema variação linguística, muitas vezes e implicitamente de forma preconceituosa, pois quando em uma atividade, pede que o aluno transcreva a palavra considerada errada, para uma forma correta, está desvalorizando uma variante usada por um determinado grupo social. A língua Portuguesa como qualquer outra língua é uma unidade que se constitui de muitas variações, fato que ocorre visto que cada grupo social tem um comportamento linguístico diferente e, desse modo, reflete a classe social em que o indivíduo está inserido, o grau de escolaridade, a sua faixa etária, o sexo, entre outros fatores. No intuito de concretizar estas hipóteses, apresentamos a justificativa a seguir.

É fato que as línguas naturais apresentam variações em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária e etc.). Por isso não podemos separar língua e sociedade, pois ambas dependem uma da outra. Assim, o estudo aqui proposto se constitui como uma contribuição para que escola e professores entendam essa variação existente na língua e que o aluno sinta segurança ao se expressar em determinados ambientes.

Desenvolvemos o estudo proposto sob o enfoque teórico da Sociolinguística. O nosso *corpus* é formado por propostas do livro da coleção “PORTUGUÊS LINGUAGENS” cujos capítulos encontram-se organizados da seguinte forma: texto, estudo do texto, produção de texto, a língua em foco, divirta-se. Para o presente trabalho o que interessa é a seção que trata da variação linguística que, de acordo com a pesquisa, só se apresenta no livro do 6º ano. O livro como um todo aborda vários pontos temáticos, explorando vários gêneros textuais tais como: contos de fadas, cartum, excerto romano, narrativa, tirinhas, piadas, anúncio, histórias em quadrinho, cartaz, poemas entre outros. O primeiro bloco deste capítulo apresenta a língua e os códigos, explicando o que seria linguagem verbal e não verbal. No segundo, expõem as variedades linguísticas definindo o que é dialeto e mostrando a importância da língua padrão apresentando esta como a variedade de prestígio social, e, para maior enriquecimento do assunto, apresenta os seguintes subtemas: falar bem é falar adequadamente; outros tipos de variação oralidade/escrita e formalidade/informalidade.

Diversos teóricos serão abordados, a saber: Bagno (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Bezerra (2001), Alkmim (2008), Marcusch (2001), Travaglia (2009), Possenti (1994), que trabalham a variação linguística numa perspectiva sociolinguística, levando em consideração os vários fatores sociais, que fazem com que a língua se transforme ao longo dos anos.

Dessa forma, antes de trilharmos os caminhos das teorias basilares para operacionalização da pesquisa, impõe-se um breve comentário sobre o nosso objeto de estudo, ou seja, o livro didático.

2 LIVRO DIDÁTICO: SUA HISTÓRIA, SUA RELEVÂNCIA EM SALA DE AULA

O livro didático faz parte da história da escola há pelo menos dois séculos, surgiu na Grécia antiga. No Brasil, ele surgiu durante o governo Vargas (1938). Daquela época até os dias atuais, muitas críticas e elogios foram publicados acerca desse importante instrumento de trabalho. Professores e alunos, avaliadores e críticos nem sempre se dão conta de que eles são o resultado da longa história da escola e do ensino.

Em 1997, é criado o Programa Nacional do Livro (PNLD), que tem por objetivo a distribuição do material didático e avaliar a qualidade do livro didático que será adotado pela escola através de alguns critérios e princípios que irão nortear a escolha dessa obra que será adotada em sala de aula.

Há muito o poder público avalia os livros e informa o resultado da avaliação. Muitos especialistas são envolvidos nesse processo. Mas o tempo de escolha é curto demais para os professores, especialmente os da rede pública, que às vezes trabalham em três turnos, o que dificulta uma avaliação mais minuciosa na escolha dos livros.

Pode-se dizer que os livros considerados manuais são aqueles que servem de suporte para a ação do professor. Essas obras podem ser utilizadas tanto na sala de aula com a orientação do professor, como também de forma individualizada. Seu uso depende muito da autonomia que o professor tem em relação aos programas tradicionais adotados pela escola (o currículo).

A formatação do livro didático é algo importante de ser analisado, visto que se modifica de acordo com o público ao qual se destina. Primeiramente, o alvo eram os professores, por isso a linguagem era bastante técnica, por servir como apoio aos seus conhecimentos, cabendo ao docente ditar esses conteúdos aos seus alunos.

A escolha dos livros é feita pelos professores das escolas públicas de todo o país, por meio do Guia do Livro Didático, onde têm a oportunidade de escolher os livros de sua preferência para serem trabalhados pelo período de três anos, tempo mínimo que o livro escolhido seja substituído por outro título. São escolhidas duas opções de títulos por disciplina e, se a primeira não conseguir ser negociada com os detentores dos direitos autorais e editores, a segunda passa a valer.

Além do PNLD, o governo federal executa outros dois programas relacionados ao livro didático para prover as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do programa Brasil Alfabetizado: o Programa Nacional do Livro Didático para o

Ensino Médio (PNLEM), criado em 2004, e o Programa Nacional do Livro Didático para a Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), criado em 2007.

Os portadores de necessidades especiais visuais são atendidos por meio do Programa Nacional do Livro Didático em Braille, e os alunos com surdez de 1ª a 4ª série foram destinados cartilha e livro de língua portuguesa em libras e em CD-ROM (FNDE, 2008).

Atualmente, a síntese da avaliação pedagógica pela qual passam os livros e as coleções distribuídas pelo Ministério da Educação é apresentada no Guia do Livro Didático, distribuído às escolas e também disponível *on-line*.

Desde seu início, o livro didático trouxe uma ambiguidade em relação ao seu público. A figura central era a do professor, porém a partir da segunda metade do século XIX passou a se tornar mais claro que o livro didático não era um material de uso exclusivo deste, para transcrever ou ditar. Observou-se que o livro precisava ir diretamente para as mãos dos alunos. Esta mudança de perspectiva passa a ver o aluno como consumidor direto do livro, tanto autores quanto editores reconheceram que era necessário modificar o produto para atender novas exigências, transformando e aperfeiçoando sua linguagem. Neste sentido, as ilustrações começaram a se tornar uma necessidade, assim como surgiram novos gêneros didáticos, como os livros de leitura e os livros de lições.

Sendo assim, buscamos, na teoria, compreender a importância desse instrumento, o livro didático, nas mãos de alunos e professores. Dessa forma, considerando que o livro didático é o principal instrumento de apoio para a atividade didática do professor, o ensino de língua tem sido direcionado, em grande parte, para a gramática, e, quando há tentativa de utilizar a abordagem comunicativa, o livro didático, muitas vezes, deixa a desejar. Como consequência, pode ocorrer à supervalorização da forma padrão em detrimento de outras variedades da língua que, por sua vez, podem ser vistas com preconceito. Portanto, a gramática tradicional, a prática de ensino e o livro didático formam o círculo vicioso que geram o preconceito lingüístico (BAGNO, 2008, p.93), sobretudo, no tocante ao fenômeno da variação lingüística, sobre o qual decorreremos nas páginas a seguir.

3 E POR FALAR EM TEORIA... O QUE SE PODE DIZER?

3.1 LÍNGUA E SOCIEDADE

Segundo Alkimin (2006, p. 23), “linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano”, pois é a necessidade de comunicação e de interação com o outro que torna a linguagem inseparável da sociedade. É através da linguagem que o indivíduo se desenvolve e evolui. Ainda segundo Alkimin (2006, p. 26). “É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens”.

Para Possenti (1994, p. 65), “não há línguas simples e línguas complexas, primitivas e desenvolvidas, as diferenças entre elas estão ligadas a fatores internos à língua e a fatores sociais ou por ambos ao mesmo tempo”.

Desde que nascemos somos cercados pelo código linguístico com que facilmente nos identificamos, conhecido como língua materna. Assim, afirma Preti (2003, p.12): “sons, gestos, imagens, que nos cercam, compondo mensagens que nos são transmitidos pelos diversos canais como a televisão, cinema, rádio, entre outros. Em todos estes canais, as línguas desempenham um papel importante, seja em sua forma oral, seja em sua forma escrita”. É através da língua, que o contato com o social com o mundo que nos cerca é permanentemente atualizado, porque a língua muda conforme muda à sociedade, de acordo com sua evolução. Basta que pensemos nas grandes mudanças ocorridas no âmbito das ciências e da tecnologia nas sociedades pós-modernas, fato que exige do usuário da língua novas formas de expressão nas várias situações de comunicação que a vida lhe impõe.

Nesse contexto, os seres humanos se utilizam da linguagem para se desenvolverem através dos meios de comunicação e das mensagens que criam. Dessa forma, a expressão da linguagem é própria do indivíduo e do seu grupo, assim como de sua classe social, do lugar em que vive, entre outros.

A linguagem, a princípio, manifesta-se quase sempre pela fala, que é a utilização oral da língua, um ato individual. Cada indivíduo pode escolher os elementos da língua que conhece ou até mesmo que lhe convém, de acordo com o ambiente social, o contexto, a situação, entre outros. A língua falada é mais espontânea, abrange a comunicação linguística e

é através dela que conhecemos se a variação usada pelo indivíduo se dá pelo grau de escolaridade, pelo nível social, pela região em que vive entre outros aspectos.

Segundo Marcuschi (2001, p. 18),

A fala (enquanto manifestação da prática oral) é adquirida naturalmente em contextos informais do dia a dia e nas relações sociais dialógicas que se instauram desde o momento que a mãe dá seu primeiro sorriso ao bebê. De certo modo a língua é um poderoso instrumento de ação social não se resumindo apenas para transmitirmos as ideias.

Desse modo, podemos concluir que é a partir do convívio com a família e em sociedade que o indivíduo aprende e adquire seu próprio modo de falar, como podemos evidenciar no tópico a seguir.

3.2 SOBRE A SOCIOLINGÜÍSTICA E AS VARIAÇÕES

O estudo da língua (gem) e da sociedade é feito dentro de uma área específica da linguística, chamada de Sociolinguística. O termo Sociolinguística fixou-se em 1964, surgiu em um congresso organizado por Willian Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), no qual participaram vários estudiosos voltados para a questão da relação entre língua e sociedade. Bright propõe que o estudo da sociolinguística deveria relacionar as variações linguísticas observáveis em uma dada sociedade e as diferenciações existentes na estrutura social dessa mesma sociedade. Assim, afirma que o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística, a qual supõe está relacionada com; identidade social do receptor ou falante, identidade social do receptor ou ouvinte e o contexto social. De maneira simples e direta, o objetivo central da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, analisada e descrita em situações reais de uso. Nessa perspectiva, a língua é inevitavelmente heterogênea, variável, mutante e está sempre em desconstrução e reconstrução, levando-nos a crer, de fato, a teoria de que língua e variação são inseparáveis, bem como sua relação com a sociedade.

A língua portuguesa como qualquer outra língua é composta de variáveis e variantes. Variável linguística é o conjunto de duas ou mais variantes, e variante, por sua vez, é cada uma das formas de se pronunciar um mesmo vocábulo. Assim, os falantes de uma mesma língua diferem em seus modos de falar, de acordo com a região em que estão; de acordo com a situação de fala, ou registro mais formal ou mais informal; ou ainda, de acordo com o nível sócio – econômico do falante.

De acordo com Alkimim (2008), os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias à sua região, à sua classe social etc. e assim, a autora descreve as variedades linguísticas a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática). A variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas.

Numa comunidade onde as pessoas possuem níveis sociais e de escolaridade baixos, as variações empregadas por elas é considerada certa, para as mesmas, pois se todos se entendem não há necessidade de se questionar sobre seu modo de falar e, assim, por diante. Toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive.

Há, portanto, o reconhecimento das variedades linguísticas existentes no Brasil e do preconceito “decorrente do valor atribuído à variedade padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas, e, quando o são, é objeto de avaliação negativa”. PCN (BRASIL, 1998,31).

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição, e a interpretação do comportamento linguístico. Tais diferenças observáveis, nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico. Mas, a não aceitação destas variações pode causar efeito negativo que terminam no preconceito linguístico que influenciam em vários contextos. Neste sentido, de acordo com os PCN (BRASIL, 2000, p.31), “há muitos preconceitos decorrente do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas”.

Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, ou seja, os indivíduos deixam a seus descendentes o domínio de uma língua particular. As mudanças ocorrem com o tempo o que faz parte da história das línguas.

As variações observadas na língua são relacionadas a diversos fatores: dentro de uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos diferentes falam distintamente. Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social etc. Assim, é possível focar a variação diatópica e a variação diastrática nos termos a seguir.

Na variação é observada a diferença na fala de pessoas de regiões diferentes. Assim, a variação se dá por fatores regionais, e é percebida na pronúncia, no vocabulário e na organização da frase. Podemos, portanto, enfatizar que as comunidades linguísticas, entre países ou povos do mesmo país se distinguem. Segundo Alkmim (2008, p.35).

Entre falantes brasileiros originários da região nordeste (incluída a Bahia) e sudeste, percebemos diferenças fonéticas, como por exemplo, a pronúncia de vogais médias pretônicas- como ocorre na palavra melado- pronunciadas como vogais abertas no nordeste e fechadas no sudeste. Percebemos também diferenças gramaticais, como por exemplo, a preferência pela posposição verbal da negação, como em sei não (nordeste) e não sei(ou, não sei, não, no sudeste); o uso do artigo antes de nomes próprios como em falei com Joana (nordeste) e falei com a Joana (sudeste).

A variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala, cujos fatores se relacionam à idade do indivíduo; sexo; escolaridade; profissão; meio de convivência e classe social, o poder de consumo contribui para que o indivíduo tenha acesso à norma padrão e, assim, fazer uso desta com maior frequência. A questão do contexto social também é percebida na escolha que o falante faz entre o uso do estilo formal ou informal, dependendo do local e do interlocutor no momento da fala. Dessa forma, Bortoni-Ricardo (2008, p.49) afirma:

Todos esses fatores representam atributos de um falante: sua idade, sexo, seu status socioeconômico, nível de escolarização e etc., podem dizer que esses atributos são estruturais, isto é, fazem parte da própria individualidade do falante. Há outros fatores que não são estruturais, mas sim funcionais. Resultam da dinâmica das interações sociais. Podemos, então, dizer que a variação linguística depende de fatores socioestruturais e de fatores sociofuncionais. Mas não podemos nos esquecer de que aquilo que a gente é influencia aquilo que a gente faz.

Como já foi exposto, a língua varia no tempo e no espaço. Há ainda as variações linguísticas dos grupos sociais (jovens, grupos de profissionais, etc.) e até mesmo, há variação quando um único indivíduo, em situações diferentes, usa diferentemente a língua, de forma a se adequar ao contexto de comunicação. Uma dessas variações é a "gíria", que são as palavras que entram e saem da moda, de tempos em tempos. Ao analisarmos o livro didático de Português do 6º ano dos autores Cereja e Magalhães, observamos que essa variação também foi enfocada.

A gíria teve sua origem na maneira de falar de grupos marginalizados que não queriam ser entendidos por quem não pertencesse ao grupo. Hoje, entende-se a gíria como uma linguagem específica de grupos específicos, como os jovens. Grupos sociais distintos têm seus "modos de falar", como é o caso dos mais escolarizados e, até mesmo, os grupos profissionais que se expressam por meio das linguagens técnicas de suas profissões. No livro analisado, os autores mostram algumas gírias que foram utilizadas antigamente e algumas atuais. Dessa forma, percebemos a importância de cada modo de falar, de cada variação, e como é necessária a colaboração do professor para o entendimento do aluno sobre esse aspecto linguístico.

Para Patriota, existe dois tipos de gírias, a gíria de grupo, citada acima, e a gíria comum. Segundo a autora, 2009, p.08.

A gíria comum é definida como aquela variedade linguística que, tendo surgido como um tipo de linguagem fechada, criptológica, com o passar do tempo vulgariza-se, rompendo seu isolamento e exclusão e invadindo a sociedade em geral que na maioria das vezes faz uso inconscientemente dela.

Dessa forma, percebemos que mesmo que haja preconceito sobre as variedades lingüísticas, queiramos ou não, a usamos sem perceber, por exemplo, como essas expressões: “dar uma bronca”, “é legal”, “que legal”, expressões que fazia parte da gíria de grupo.

Ainda, segundo Patriota (2009, p.8).

É inquestionável que a gíria comum se faz presente no dia a dia dos usuários da língua não importa a que segmento da sociedade eles pertençam. É essa generalização que desconhece barreiras etárias, sociais, econômicas e culturais, que garantem a gíria um lugar de destaque entre as outras variedades da língua.

A gíria é outro aspecto da variação linguística que é usada por diversas pessoas, e na sala de aula, percebe-se que os alunos também trazem para o ambiente escolar esta linguagem. Desse modo, é necessário que o professor saiba como lidar e trabalhar essa variação com seus alunos.

O estudo da variação linguística é feito geralmente nas aulas de língua portuguesa. Percebemos que, muitas vezes, esse estudo é feito de uma forma incompleta, fato que pode ser observado principalmente nas aulas em que prevalece o tradicionalismo do ensino de língua, desprezando toda e qualquer variação linguística presente no falar dos alunos. Assim, a língua padrão, que é a língua de prestígio no meio social, todos somos “obrigados” a aprender

segundo a tradição para melhor vivermos em sociedade, pois é a língua correta a todos os usuários.

Sob essa ótica, instala-se na sociedade a noção de certo e errado. No entanto, torna-se equivocado o uso destes termos quando se questiona os falares das pessoas, pois nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico o tempo todo. É necessário ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas na fala é diferente. Não se pode impor a mesma formalidade, obrigatoriamente, na fala e na escrita, colocando como “erradas” as pronúncias que são resultados da história social e cultural das pessoas em cada lugar do país.

Ao relacionar a variação linguística no contexto escolar, é pertinente esclarecer junto aos alunos as exigências dos ambientes em que ocorrem os fatos linguísticos.

Assim, bem afirma Bechara em entrevista à revista *Discutindo Língua Portuguesa* (2008,p.20).

[...] É preciso transformar o aluno poliglota na sua própria língua. Que ele possa dominar mais de uma variante para estar capacitado a lidar com alguém analfabeto, semi-alfabetizado ou alguém que domina a língua portuguesa, e usar a linguagem para o bem conviver entre os seres humanos.

Bechara mostra que a língua existente não se encerra na língua padrão; que ela tem suas variações de acordo com as situações sociais por que passa o falante e, desse modo, se faz necessário que o aluno compreenda como utilizar a linguagem em diferentes ambientes que frequentar.

Travaglia (2009, p. 63), por sua vez, enfoca que:

A norma culta constitui o português correto; tudo o que foge a norma representa um erro. Isso representa um preconceito porque, na verdade, não há português certo e errado: todas as variedades são igualmente eficazes em termos comunicacionais nas situações em que são de uso esperado e apropriado. O que há na verdade são modalidades de prestígio e modalidades desprestigiadas em função do grupo social que as utiliza.

Nas palavras do autor fica implícito que deve ser trabalhado é a competência comunicativa, que o indivíduo/aluno seja capaz de interagir com os outros apesar de suas diferenças linguísticas. Para os PCN (BRASIL, 2001, p. 31):

A questão não é falar certo ou errado, mas saber qual forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro as diferentes situações comunicativas. [...] é saber, portanto, quais

variedades e registro da língua oral são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto se dirige.

Por outro lado, em sua maioria os estudantes consideram a disciplina de Língua Portuguesa difícil; muitos afirmam que sentem dificuldade em aprender a apreendê-la isso porque o ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical, apenas buscando ver o que seja certo ou errado, sem levar em consideração inúmeros conhecimentos que os alunos adquirem a partir de suas vivências extraescolares, no convívio com a sociedade da qual fazem parte, conhecimentos estes que, na maioria dos casos, são desprezados pela escola que não aceita tais informações como sendo uma parcela de contribuição para o desenvolvimento dos saberes coletivos, desprezando toda e qualquer variação no que diz respeito à linguagem oral e suas influências sociais. As normas que são estudadas, na escola, quase sempre não correspondem à língua que realmente falamos e aprendemos no Brasil, fato que torna a língua portuguesa uma língua difícil.

4 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO: UMA ANÁLISE DAS PROPOSTAS APRESENTADAS

Após as considerações teóricas proporcionadas analisaremos as propostas apresentadas no que tange às variações linguísticas, no livro didático do 6º ano da coleção “PORTUGUÊS LINGUAGENS” dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães.

O Livro Didático de Língua Portuguesa em destaque apresenta uma preocupação dos autores em desenvolverem trabalho voltado para a análise e reflexão da língua, pois por meio da leitura dos diversos gêneros textuais, o aluno, o indivíduo em geral vivencia os traços linguísticos de cada grupo social.

O livro do 6º ano, que será analisado é constituído por quatro unidades, sendo que cada unidade contém três capítulos, e esses capítulos são organizados da seguinte forma: inicia com um texto principal que é analisado na seção “Estudo do texto” e é subdividida em “compreensão e interpretação” com atividades referentes ao texto estimulando sua análise, essa análise é feita no tópico “a linguagem do texto” que explora os aspectos da língua em uso e os elementos que fazem parte do processo comunicativo. No tópico seguinte, intitulado “leitura expressiva do texto” cujo objetivo é a retomada das informações estudadas e exploradas durante a interpretação, em que é realizada mais exercícios com uma análise mais profunda do texto. A seção “cruzando linguagens” Propõe a comparação do texto estudado com outro, porém aparece apenas uma vez em cada unidade.

Na primeira unidade do referido livro notamos que é feito um trabalho direcionado para a reflexão da língua. O tópico “A língua em foco” apresenta a língua como um processo dinâmico de interação, ou seja, como um meio de realizar atos, atuações, ações, agir sobre o outro. Dessa forma, os autores Cereja e Magalhães buscam desenvolver uma proposta voltada para os fatores que causam a variação linguística observada na língua como: históricos, geográficos, sociais, faixa etária, grau de escolaridade, entre outros.

Ainda observando a Unidade I do capítulo 6, o tópico “Construindo o conceito” tem como objetivo conduzir o educando a elaborar esse conceito, o conceito gramatical sobre a linguagem verbal e não verbal, sobre locutor e interlocutor, trazendo dessa maneira, um conjunto de atividades, no qual o professor junto aos seus alunos possa fazer a leitura, discussão, reflexão e análise do conteúdo exposto. No primeiro momento, o aluno pode observar que é proposto a si alguns conceitos que lhe proporcionam conhecimento sobre os diversos tipos de linguagem, verbal, não verbal, digital entre outros.

O livro “Português linguagens” define a linguagem como “um processo comunicativo pelo qual as pessoas interagem entre si” e para que haja essa interação é preciso do interlocutor que “são as pessoas que participam do processo de interação que se dá por meio da linguagem” (CEREJA; MAGALHÃES, 2009, p.29).

Neste sentido, afirma Travaglia (2009, p.23):

A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.

No tópico “Conceituando” é apresentada aos educandos a leitura de textos que mostram a evolução da língua com o passar do tempo e também a influência de outras línguas, o espanhol, italiano, francês.

E continuando no mesmo capítulo I (volume do 6º ano), na seção “Exercícios” os autores definem código “é um conjunto de sinais e regras, utilizados por uma comunidade para se comunicar” (2009, p.31).

Dessa forma, a definição acima citados faz refletir sobre o sistema linguístico que compõem a língua. Assim, a partir da leitura dos códigos, o professor tem oportunidade de discutir em sala de aula sobre a relação da língua com o mundo, pois o ser humano a todo o momento faz leituras dos códigos para isso ele usa todo conhecimento de mundo (conhecimento prévio) e linguístico que o cerca.

O tópico “Semântica e discurso” busca desenvolver atividades que ofereça observação dos fatos linguísticos numa situação real de interação verbal e também a reflexão dos recursos, bem como o desenvolvimento da competência linguística e, dessa forma, toda a unidade I girou em torno da análise e reflexão dos elementos que compõem a língua. Desse modo o referido capítulo associa a linguagem verbal e não verbal que são absorvidos pelos interlocutores ao interpretarmos códigos que fazem parte do meio que o indivíduo vive.

O capítulo II da mesma unidade, unidade I, inicia-se com o título “Todas as crianças crescem... menos uma!” é o capítulo que traz na seção “A língua em foco” a exposição do conteúdo que estamos analisando, essa seção tem como objetivo mudar o foco voltado para a gramática tradicional que quase sempre busca levar ao aluno apenas a classificação gramatical no que diz respeito à morfologia e a sintaxe sem dar muita importância ao estudo da língua em uso. Inicialmente os autores não expõem o conceito do que seria a língua e suas variedades, pelo contrário, logo abaixo do título da unidade “Variedades Linguísticas” observa-se a frase “Construindo o conceito”, em que é apresentada uma tirinha de Maurício de

Souza que tem como personagens principais Chico Bento e Rosinha que fazem uso de certas expressões que são facilmente identificadas como variantes regionais (p.44).

Chico Bento e Rosinha são personagens das histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa. Nas histórias, eles são namorados e moram na roça. Leia esta tira com as duas personagens:

1. No 1º quadrinho, que tipo de sonho Rosinha descreve a Chico? O sonho de seu casamento.

2. No 2º quadrinho, Rosinha faz uma pergunta a Chico Bento. Levante hipóteses:

a) Na sua opinião, o que ela esperava como resposta de Chico? Resposta pessoal. Sugestão: Talvez algo como "Como você está linda!".

b) Pela resposta do garoto, o que ele deve estar pensando a respeito do noivo? Ele está pensando que o noivo não vai ser ele, apesar de ele ser o namorado dela.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004) é na sala de aula, como em qualquer domínio social que o indivíduo apresenta o grau de variação, pois se sabe que esse processo é inerente a comunidade linguística. Assim, com a apresentação do personagem Chico Bento de Mauricio de Sousa é possível que os alunos se familiarizem com a cultura rural, conhecendo a diversidade sociolinguística, e ao mesmo tempo ao observar algum colega da zona rural que fale parecido com os personagens, que esses alunos compreendam que a fala de seus colegas é natural do lugar onde vivem. Porém apenas este exemplo não sinaliza para o conhecimento da diversidade linguística, pois existem outros fatores como, sociais que também evidenciam essa diferença na fala. Rosinha sendo da mesma região de Chico Bento, mesmo falando um dialeto caipira ela demonstra um modo especial de se referir ao seu sonho, o casamento, enquanto Chico Bento não imagina nem em ser o noivo. Nesse sentido, notamos que meninos e meninas mesmo sendo da mesma idade podem variar seu repertório linguístico, fruto de concepções próprias do fator sexo, idade. Afirma Travaglia (2009, p.47) que,

Os dialetos na dimensão do sexo representam a variação de acordo com o sexo de quem fala. Algumas diferenças são determinadas por razões gramaticais, como certos fatos de concordância [...]. Mas há diferenças mais sutis no que diz respeito ao uso do léxico e de certas construções, o que provavelmente seja determinado por restrições sociais quanto à imagem que se faz de um comportamento apropriado para homens e mulheres inclusive em termos de comportamento verbal.

Neste sentido, Cereja e Magalhães poderiam ter abordado a variação sexo, e faixa etária como mais um fator que contribui para a variação linguística. Desse modo, observamos que a variação que eles apresentam é apenas a regional.

Observamos também que os autores definem língua falada e língua escrita, dialetos e gírias, mas não relacionam aos aspectos que são importantes para a compreensão da diversidade linguística como o nível de escolaridade, a faixa etária, o sexo, pois meninos e meninas de uma mesma faixa etária como os alunos de 6º ano, até certo ponto, falam de forma diferente mesmo tendo a mesma idade.

Segue logo abaixo da tirinha o que seria uma compreensão de texto, mas na realidade será o início de um incentivo ao raciocínio, e ao conhecimento prévio dos educandos com relação às variedades linguísticas. Cada item da atividade vai abrindo os horizontes de expectativas dos alunos, apresentando conceitos e informações breves, mas relevantes para uma apresentação do que será estudado logo mais.

Pode-se observar nos itens três e quatro do exercício a contextualização do que seriam variedades linguísticas e suas diferenças com relação à língua padrão e não padrão e sua utilização pelos meios de comunicação, tendo por objetivo abrir espaço para que o professor converse com os alunos sobre casos de diferenças linguísticas.

3. A língua portuguesa que falamos no Brasil não é igual em todo lugar. Nessa tira, por exemplo, Chico Bento e Rosinha, por viverem no campo, falam o “dialeto caipira”, isto é, um português diferente daquele que é usado em outros lugares. Se você fala de modo diferente do deles, então que palavras utilizaria no lugar de:

☞ a) “frô”? flor[?]
 b) “laranjera”? laranjeira
 c) “ocê”? você

Professor: O objetivo do exercício não é fazer a correção da linguagem das personagens. Se, entretanto, achar conveniente, poderá conversar com os alunos sobre outros casos de desvios da variedade padrão escrita.

O exercício 3 desenvolve um trabalho voltado para o reconhecimento do dialeto caipira dos personagens Chico Bento e Rosinha, mostrando aos alunos que eles falam diferentes de pessoas que vivem em outros lugares, abrindo uma oportunidade para comentar sobre a variação geográfica ou diatópica, que esse fato é natural da língua por ela ser dinâmica, mutável, entre outros.

Neste sentido, podemos observar práticas pedagógicas equivocadas quando as falas dos personagens Chico Bento ou Rosinha fogem ao padrão apontando “erros” de pronúncia assim pedindo que os alunos reescrevam as falas dos personagens de forma correta segundo a

linguagem formal. É comum nesse tipo de atividade o professor apresentar a variedade padrão sendo imposta como única e aceitável pela sociedade. Dessa forma, muitos professores, nas aulas de língua portuguesa que envolve a variação linguística, usam também e quase sempre os termos “certos” e “errados” para mostrar aos alunos a linguagem certa que seria a formal ou padrão e errado a não formal. Estendem essa postura também em relação à linguagem utilizada pelos alunos que não é a formal, postura em que podemos perceber o preconceito decorrente, quando se fala em variação linguística.

Por outro lado, a atividade oferece o reconhecimento de outras variações que não são padrão da escrita tais como: “fror” (flor), “laranjeira” (laranjeira) e “ocê” (você). Com a apresentação desses dialetos (dialeto caipira) os autores mostraram como ocorre a educação de língua materna. Ainda, nesse exercício 3, Cereja e Magalhães orientam o professor que “O objetivo do exercício não é a correção da linguagem das personagens. Se entretanto, achar conveniente, poderá conversar com os alunos sobre outros casos de desvios da variedade padrão escrita” (p.44) ao lado do exercício 3. Essa proposta, que os autores apresentam, proporciona aos alunos a reflexão da diferença na fala sem levantar a hipótese de erro, porém quando Cereja e Magalhães orientam o professor, mencionam que há desvio da variedade padrão. Sabemos que não existe desvio, desvio evidencia erro, a palavra em se, traz um significado negativo, dessa forma, os autores demonstram preconceito, na verdade o que existe são diferenças linguísticas.

O exercício 4, traz uma reflexão sobre a língua falada e a língua escrita.

4. A língua usada por Chico Bento e Rosinha é diferente daquela utilizada por jornais, revistas e livros. Apesar disso, é possível compreender o que eles dizem?
Sim, perfeitamente.

No exercício 4, seu estudo é voltado para a análise da língua falada e escrita. Sabemos que a variação linguística se dá através da língua falada que é sempre mutável, e que na escrita deve-se fazer uso da escrita padrão mesmo que em alguns casos, também podem variar. Esse exercício possibilita aos alunos observar que a diferença na linguagem existe, mais precisamente, na língua falada, em situações reais de uso.

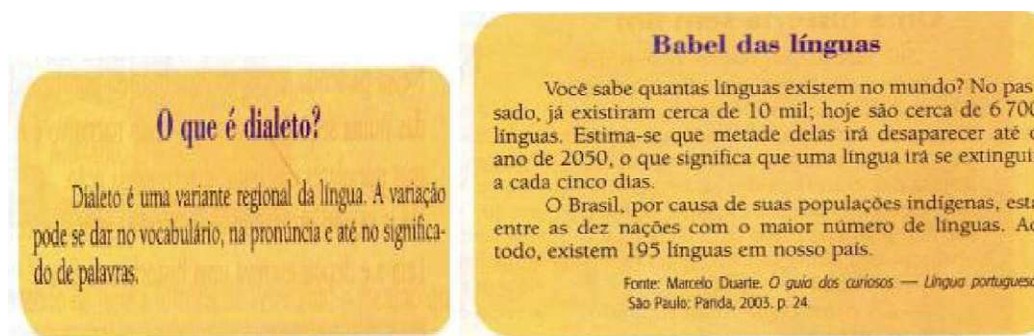
No exercício 5, os autores permitem que os alunos, junto ao professor, façam reflexões acerca da variação geográfica, que explica as formas que as línguas assumem nas diferentes regiões em que é falada. Observemos:

5. Se você e sua família vieram de uma região do país diferente daquela em que você mora atualmente, comente com os colegas: Que diferenças há entre o português falado naquela região e o falado na cidade em que você vive hoje? Cite alguns casos.

Resposta pessoal. Professor: Caso não haja alunos de outros Estados em sua sala, estimule a classe a falar de seu conhecimento linguístico, relatando o que percebem na fala de parentes, vizinhos e amigos. Ou, então, pergunte-lhes o sentido de algumas palavras ou expressões próprias da cidade ou região e comente com eles que, em outros lugares, são utilizadas palavras diferentes para designar a mesma coisa.

Ainda, no exercício 5, acentua-se o registro de que a língua varia, assim, oportuniza o aluno a refletir sobre a diferença na fala de pessoas de diferentes regiões. Mais uma vez os autores apontam para a variação regional ou diatópica que de acordo com Alkimin(2008, p.34) “está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”, onde é percebida a diferença na fala de pessoas de regiões diferentes.

Na mesma seção no tópico “Construindo conceito”, logo ao lado das atividades (p. 44), os autores conceituam dialeto e sob o título de “Babel das línguas” eles apresentam a quantidade de língua existente no mundo. Segundo Cereja e Magalhães (2009, pág. 44).

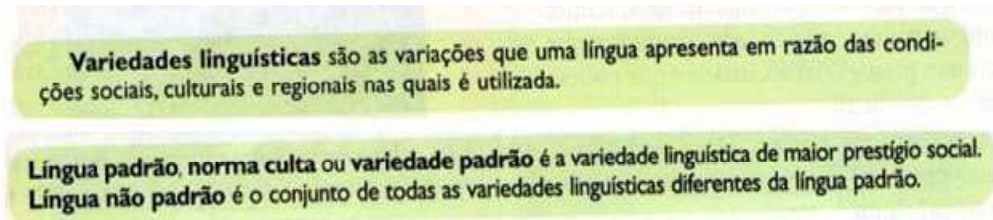


Os autores explanam a quantidade de línguas existentes no mundo e no Brasil, sob o título Babel das línguas. Sabemos que a palavra babel significa confusão de línguas. Se a intenção dos autores é mostrar as diferenças na linguagem, há uma contradição quanto ao título, a diferença existe, mas também há compreensão e não confusão.

Ao definir dialetos, na visão dos autores, fazem referência à identificação dos grupos que é marcada pela linguagem, por isso são considerados variedades dialetais de ordem social. Remetem novamente a variação regional, enfatizando a existência de diferença no vocabulário, na pronúncia e no significado das palavras que são usadas por pessoas de diferentes regiões. Assim, os alunos não são instigados a refletirem sobre os demais aspectos

que são importantes quando se fala de variação linguística, como o social, no que diz respeito aos fatores: gênero, idade, nível de escolaridade, entre outros.

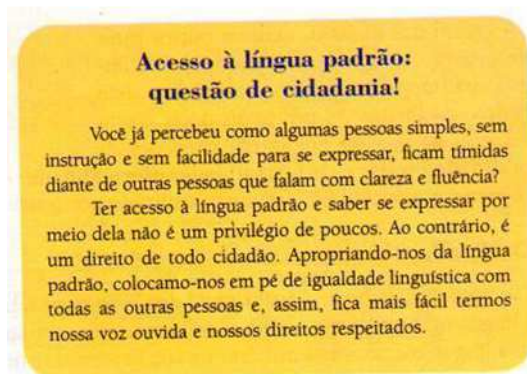
Na página seguinte do livro, (p.45), na mesma seção cujo tópico é “Conceituando” os autores conceituam variedades linguísticas.



Nesse sentido, podemos notar que a variedade é reflexo do nível social, cultural entre outros, que refletem na linguagem. Nota-se até aqui que é grande a preocupação dos autores em utilizar métodos que facilitem e chamem a atenção dos estudantes para o tema, tentando simplificar e desmistificar as variantes da língua portuguesa, esclarecendo as diferença entre língua padrão e não padrão e, neste sentido, é importante que o professor deixe claro aos alunos que toda variedade tem seu valor e sua importância desde que sejam utilizadas nas situações adequadas.

Dessa forma, cabe à escola e aos professores trabalharem a variação linguística mostrando as variedades existentes, valorizando o dialeto trazido pelos alunos, contribuindo assim para que o preconceito não se propague, mas também mostrando a importância da língua padrão para que os alunos possam frequentar ambientes que dela precise e que os mesmos sintam-se seguros ao falar em lugares que se é necessário o uso da língua padrão.

Ainda na p.45, o seguinte box faz uma explanação da importância da língua padrão para a convivência em sociedade, o aluno pode refletir o porque de importância de se ter conhecimento sobre as variedades linguísticas inclusive a língua padrão.



Dando continuidade ao estudo, o aluno é apresentado a diversas informações que só contribuem para o enriquecimento de ideias sobre o tema. São colocados subitens que relatam sobre:

- Língua padrão: a variedade de prestígio social.
- Falar bem é falar adequadamente.
- Outros tipos de variação. Oralidade/escrita e Formalidade/informalidade.
- Gíria.

Neste tópico falar bem é falar adequadamente, os autores enfatizam a necessidade de o professor mostrar aos alunos que todas as variedades são importantes que tem seu valor, que desde que sejam utilizadas nas situações adequadas. Neste caso, se faz necessário que o professor tome conhecimento que a língua varia de acordo com os diversos grupos sociais e, assim, eliminem o preconceito linguístico em relação aos grupos de menor prestígio. Pois queiramos ou não o preconceito existente é puramente social. É lícito, portanto que os professores trabalhem atividades que mostre como ocorre a variação e que não seja apenas usada para reforçar o “ERRO”, mas sim para apresentar a diversidade linguística no país.

No tópico, “Outros tipos de variação”; “Oralidade/Escrita”; “Formalidade /informalidade”, os autores continuam mostrando outros tipos de variação. Com o objetivo de informar aos educandos que o processo de variação linguística faz parte dos grupos sociais que cada indivíduo pertence e que, por meio dessas reflexões, é possível que o educador mostre a seus alunos que a fala se adéqua de acordo com o contexto e a situação sócio comunicativa que envolve certos graus de formalismos ou não, sempre dispendo de métodos que facilitam ainda mais a aprendizagem.

Para complementar, o livro traz um Box com informações interessantes sobre temas afins que são relevantes para a formação intelectual e social dos mesmos. Como informações sobre os lugares onde se fala o português além do Brasil. Neste sentido, o livro traz o seguinte box.



(p.46)

A língua portuguesa é a quinta mais falada no mundo e a terceira do mundo ocidental, superada pelo inglês e pelo castelhano. Atualmente, aproximadamente 250 milhões de pessoas no mundo falam Português e o Brasil responde por cerca de 80% desse total. Diante disso, a língua portuguesa é instituída como oficial em Portugal, Ilha da Madeira, Arquipélago dos Açores, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Existem ainda lugares que utilizam a língua de forma não oficial, assim o idioma é falado por uma restrita parcela da população, são eles: Macau, Goa (um estado da Índia) e Timor Leste na Oceania. Assim, Cereja e Magalhães, no Box acima, conduzem os alunos a refletirem que, se no Brasil há uma diversidade na língua, é notória a diferença de um continente para outro.

Outro aspecto deste campo da variação linguística é a gíria. Ao conceituar o que é gíria, eles expõem boxes que trazem exemplos de gírias atuais e antigas e uma tirinha que serve de base para explanação da importância da língua e sua influência no nosso modo de agir, pensar e falar. Com esses exemplos os alunos podem perceber os aspectos históricos que influenciam na variação da língua. Dessa forma, percebemos que as gírias são expressões linguísticas muitas vezes datadas que, ao serem pronunciadas, logo nos remetem para uma determinada década, um determinado momento e um jeito de falar que lhe era característico. Quando falamos de variações linguísticas históricas estamos atentando para o fato de que, assim como as coisas, as palavras também mudam. Elas se transformam ou são simplesmente substituídas por outras, mais adequadas e atualizadas em relação às necessidades dos falantes.

Gírias atuais e antigas

Atuais

alugar: pegar como vítima, perseguir alguém; zombar.
sem maldade: sem ofensa, sem preconceito.
paga-pau: aquele que admira as coisas dos outros; puxa-saco.
chegado: amigo.
antenado: ligado, atento às coisas atuais.
balada: festa.
irado: muito bom.
rolo: namoro sem compromisso.

Antigas

botar pra quebrar: agitar.
broto: garoto(a) novinho(a) ou bonito(a).
bacana: interessante.
é batata: é certeza.
supimpa: bom, interessante.
patota: turma de amigos.
papo-firme: alguém que é bom de conversa ou com quem se pode contar.

Sua língua e sua tribo

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente.

Na tira abaixo, o uso de uma linguagem informal e o emprego de gírias, como **man**, **tá ligado**, **saquei a parada** e **mó**, contribuem para caracterizar as personagens adolescentes.



(p.47)

Os autores trazem nesses boxes uma contribuição significativa para o entendimento do aluno. Explicam o que é gíria e exemplificam, mostrando como é importante o nosso modo de falar, que é praticamente nossa identidade, pois mostra quem somos, citam no Box acima

“[...] nossa posição social, nosso grau de escolaridade, timidez ou agressividade, nosso grupo cultural [...]” E assim, mais uma vez, propõe ao educando uma reflexão sobre cada variação existente, sua importância e sua evolução ao longo dos anos.

Na seção “construção do texto” na página 49, é proposto à leitura do texto intitulado “Pechada” que relata a história de um menino que veio do Rio Grande do Sul e na escola as crianças percebem a diferença de dialeto que é típico da região que a personagem vive.

Pechada

O apelido foi instantâneo. No primeiro dia de aula, o aluno novo já estava sendo chamado de "Gaúcho". Porque era gaúcho. Recém-chegado do Rio Grande do Sul, com um sotaque carregado.

— Ai, Gaúcho!

— Fala, Gaúcho!

Perguntaram para a professora por que o gaúcho falava diferente. A professora explicou que cada região tinha seu idioma, mas que as diferenças não eram tão grandes assim. Afinal, todos falavam português. Variava a pronúncia, mas a língua era uma só. E os alunos não achavam formidável que num país do tamanho do Brasil todos falassem a mesma língua, só com pequenas variações?

— Mas o Gaúcho fala "tu" — disse o gordo Jorge, que era quem mais implicava com o novato.

— E fala certo — disse a professora. —

Pode-se dizer "tu" e pode-se dizer "você". Os dois estão certos. Os dois são português.

O gordo Jorge fez cara de quem não se entregara.

Um dia o Gaúcho chegou tarde na aula e explicou para a professora o que acontecera.

— O pai atravessou a sinaleira e pechou.

— O que?

— O pai. Atravessou a sinaleira e pechou.

A professora sorriu. Depois achou que não era caso para sorrir. Afinal, o pai do menino atravessara uma sinaleira e pechara. Podia estar, naquele momento, em algum hospital. Gravemente pechado. Com pedaços de sinaleira sendo retirados do seu corpo.



— O que foi que ele disse, tia? — quis saber o gordo Jorge.

— Que o pai dele atravessou uma sinaleira e pechou.

— O que é isso?

— Gaúcho... quer dizer, Rodrigo: explique para a classe o que aconteceu.

— Nós vinha...

— Nós vínhamos.

— Nós vínhamos de auto, o pai não viu a sinaleira fechada, passou no vermelho e deu uma pechada noutra auto.

A professora varreu a classe com seu sorriso. Estava claro o que acontecera? Ao mesmo tempo, procurava uma tradução para o relato do gaúcho. Não podia admitir que não o entendera. Não com o gordo Jorge rindo daquele jeito.

"Sinaleira", obviamente, era sinal, semáforo. "Auto" era automóvel, carro. Mas "pechar" o que era? Bater, claro. Mas de onde viera aquela estranha palavra? Só muitos dias depois a professora descobriu que "pechar" vinha do espanhol e queria dizer bater com o peito, e até lá teve que se esforçar para convencer o gordo Jorge de que era mesmo brasileiro o que falava o novato. Que já ganhara outro apelido: Pechada.

— Ai, Pechada!

— Fala, Pechada.

(Nova Escola, maio 2001.)

A partir desse texto foram proposta atividades de 1º ao 6º que fazem essa reflexão sobre a diferença de dialetos; no 1º proporciona a interpretação das características da falado meninoe da região em que vive.

1. Rodrigo logo recebe o apelido de **Gaúcho** quando entra na nova escola.
- O que os colegas mais estranham em Rodrigo? Seu jeito diferente de falar.
 - Essa escola fica no Rio Grande do Sul ou em outro Estado brasileiro? Por quê?
Fica em outro Estado, pois, se ficasse no Rio Grande do Sul, os alunos não teriam estranhado o modo de falar de Rodrigo.

No exercício seguinte mostra o preconceito linguístico que pode acontecer na sala de aula pelo fato do menino ter um modo diferente de falar em relação aos colegas.

2. Dos colegas da sala, o gordo Jorge era o que mais insistia em rir e debochar de Rodrigo. Por que você acha que ele agia desse modo? Resposta pessoal. Talvez porque, pelo fato de ser gordo, também sofresse preconceito e gozações dos colegas e, agora, quisesse se vingar em alguém.

No exercício 3 novamente percebemos que a noção de erro também é reforçada pois percebe-se que a professora no texto valoriza a linguagem padrão quando corrige o menino que fala “nós vinha”.

3. Quando Rodrigo, ao contar por que chegou atrasado, diz “Nós vinha...”, a professora o interrompe dizendo “Nós vínhamos”. Por que você acha que ela disse isso? Porque ela gostaria que o aluno falasse de acordo com a variedade padrão.

No 4º exercício os autores dão a oportunidade dos alunos refletirem sobre a origem da palavra “Pechada”.

4. Rodrigo conta que seu pai “atravessou a sinaleira e pechou”. A professora não conhecia a palavra **pechar**, mas conseguiu descobrir o sentido dela.
- Como foi que ela descobriu o significado da palavra? Ela descobriu pela situação: o pai atravessou o sinal vermelho, outro carro foi envolvido, o garoto chegou atrasado; só podia se tratar de uma batida de trânsito.
 - Qual é a origem dessa palavra, que hoje também pertence ao português? A origem é a língua espanhola. Professor: Como curiosidade, peça aos alunos que consultem o dicionário, a fim de que vejam como essa palavra está incorporada à nossa língua.

No exercício 5 Cereja e Magalhães mostram que a professora não tinha conhecimento em relação a variação linguística pois fala que cada região tem seu idioma o que não é verdade e sim cada região possui seu dialeto típico de cada grupo social.

5. A professora ensina à classe que, apesar de o país inteiro falar português, “cada região tinha seu idioma”.
- A explicação da professora não é correta; o melhor seria dizer que cada região do país tem o seu dialeto ou sua variedade linguística.
- Sabendo-se que **idioma** é o mesmo que língua, é correta a explicação da professora? Em caso negativo, como você a corrigiria? Respectivamente: você, sinal ou semáforo e automóvel ou carro.
 - Que palavras a professora provavelmente usaria em lugar de **tu, sinaleira e auto**? Resposta pessoal. Professor: Pode ser também que haja outras palavras. Sugerimos que faça na lousa uma relação das palavras mais usadas na região para designar as mesmas coisas.
 - Na sua região, as palavras coincidem com as usadas pela professora ou com as usadas por Rodrigo?

No exercício nº 6 é permitido aos alunos exporem fatos no seu cotidiano que comprovem esse preconceito existente no meio social.

6. Rodrigo acabou sofrendo preconceito por falar português de modo diferente do falado pela maioria. Você já viveu ou presenciou uma situação parecida com essa? Conte para os colegas como foi.

Resposta pessoal. Professor: Aproveite para discutir com a classe o problema do preconceito linguístico, um dos tipos de preconceito existentes na sociedade. O fato de uma pessoa falar de modo diferente não significa que ela seja melhor ou pior do que outras pessoas. Se quiser, poderá ilustrar esse tipo de preconceito com situações exibidas em certos programas de humor da TV, em que são satirizados o caipira, o japonês, o nordestino, o judeu, etc.

Dessa forma, podemos concluir que no livro do 6º ano os autores valorizam em atividades uma reflexão sobre como ocorre o processo da variação linguística e a supervalorização da norma padrão e se detém precisamente a levar ao conhecimento do aluno com mais detalhe a variação diatópica. Ao retomar a seção como um todo, observamos que se iniciamos com um exercício que traz uma tirinha dos personagens Chico Bento e Rosinha levando o professor a trabalhar com o dialeto caipira, de pessoas que moram na zona rural, em que a partir desse ponto o professor pode motivar os alunos a refletirem sobre as diversidades linguísticas (a variação linguística), que ocorre em todos os fatores existentes na língua, tais como os geográficos e os sociais. Na página 49 “Cereja e Magalhães” trazem o texto Pechada, que em seu desenrolar conta história de uma criança que fala diferente das outras por ser de um lugar diferente, mais uma vez se trata de variação diatópica, geográfica, e na interpretação deste texto percebemos o quanto os autores enfatizam o assunto (variação geográfica) no mais apresenta brevemente outros tipos de variações fazendo apenas rápidas definições e comentários. Na página 51 faz comparações do português brasileiro e o português de Portugal dando novamente ênfase a variação diatópica e assim concluem a seção que tem como o título “Variedades linguísticas”. Percebe-se que a todo o momento Cereja e Magalhães apresentam a variação linguística de forma superficial sem maior aprofundamento do conteúdo, sem levar em consideração os aspectos sociais como faixa etária, nível de escolaridade, sexo, entre outros, enfatizam apenas a variação diatópica. Mas esquecem de mencionar os principais fatores que contribuem para a diversidade linguística, fatores esses citados acima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em função dos objetivos propostos para este estudo, é possível tecer comentários que consideramos pertinente para o ensino da língua portuguesa, particularmente, no tocante à variação linguística. O Livro Didático de Língua Portuguesa – LDLP – aborda essa questão de forma incompleta, pois dá ênfase as variações regionais e apenas cita os outros fatores, fatores esses que também são importantes para a compreensão dos alunos sobre a variação linguística.

Neste contexto, a função da escola é, em todo, e qualquer campo de conhecimento, motivar a pessoa a conhecer e dominar algo que ela não sabe, no caso específico da língua, conhecer e dominar antes de tudo, a leitura e a escrita e, junto com elas outras formas de falar e escrever, outras variedades da língua, outros registros, passando a reconhecer a verdadeira diversidade linguística, pois antes de tudo é necessário conhecer e reconhecer a realidade sociolinguística do aluno. Fato esse quase sempre ignorado, uma vez que nossas instituições de ensino ainda utilizam o método tradicional que privilegia somente a gramática e a língua padrão, desvalorizando toda e qualquer manifestação das variantes do português. Na realidade a escola tenta impor sua norma linguística como se fosse de fato a língua comum a todos os brasileiros.

Dessa forma professores devem rever os conceitos de como ensinar o português, procurando empreender métodos que apontem para a reflexão e a utilização da linguagem e suas variações, para que os educandos reflitam sobre o caso da adequação da linguagem de acordo com a situação comunicativa em que estão inseridos, tendo em vista assim não reprimir a linguagem do aluno, mas procurar fazê-lo entender sem constrangimento a importância do conhecimento da linguagem formal e sua utilidade no contexto extraescolar, ensinando e aprendendo sem medo a nossa língua e suas variações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALKIMIN, Tânia Maria. Sociolinguística, parte 1. IN: MUSSALIM, Fernanda C Bentes, ANNA Cristina (org.), *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*, 6.ed., São Paulo: Cortez, 2006.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. 50. Ed., São Paulo: Loyola, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Mestre entre mestres. Entrevista a Amilton Pinheiro*. Discutindo língua portuguesa, São Paulo, ano 3, n. 13, 2008.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. 2. Ed., São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- CEREJA, William Roberto, COCHAR, Thereza Magalhães. *Português Linguagens*. 6º ano. 5.ed., São Paulo: Atual, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, São Paulo: Cortez, 2001.
- Módulo Programas do Livro - PLi / *Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação*. 4.ed., Atual.-Brasília: MEC, FNDE, 2011.
- PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: *Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. 2ª. ed., Rio de Janeiro: DP e A, 2000. p. 19 – 45.
- PATRIOTA, Luciene Maria. *A gíria comum na interação em sala de aula*. São Paulo: Cortez, 2009
- POSSENTI, Sírio et al. *Sobre o ensino de português na escola*. Revista Novos Estudos. CEBRAP. São Paulo, v.2, v. 3, p.64 – 69 Nov. 1994.
- PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala*. São Paulo, Editora Nacional, 2003. p. 12.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 13. Ed., São Paulo: Cortez, 2009.